

Severo Garcia

Poesia do Exílio



Os livros, os exílios, os amigos

Severo Garcia é um poeta de veias abertas, que faz da América Latina seu exílio. Semelhante à Eduardo Galeano, é um “escrevinhador” de poesia, e faz dela sua ferramenta de trabalho, sua maneira de existir, sua estética no mundo. Sempre em movimento, ele é poesia pura. Apreciador das reticências do passado, eu diria que *Severo Garcia* é um poeta marginal, pois circunda pela margem e flerta com os desviantes e os desvalidos, com os loucos e inacabados, os que andam por aí a observar a cidade. É marginal porque rouba os afetos do mundo, rompe com as normas e questiona nossas certezas. Mas também faz poesia para as crianças, para os amigos, para os amores. É de uma genialidade mundana, ainda que exilado. “**Poesia do Exílio**” é um livro para ser sentido, com a mesma intensidade de quem o escreveu. Tenho a alegria de ter *Severo Garcia* como amigo, a dividir as mesmas utopias que nos põe a caminhar. É para isso que servem as nossas utopias.

Roger Flores Ceccon

Severo Garcia

Poesia do Exílio

Revisão: Michelle Nóbrega Garcia
Foto autor: Severo Garcia
Capa: Severo Garcia
Imagem de Capa: Bruna Mascarenhas
Diagramação: Severo Garcia/Thayse Hingst

G216p **Garcia, Severo**
**Poesia do exílio / Severo Garcia. – 1ª ed. – Araranguá :
edição do autor, 2020.**

ISBN impresso 978-65-00-03945-0

1. Poesia brasileira. I. Título.

CDD: 869.1
CDU: 869.0(81)-1

Ficha catalográfica elaborada por Thayse Hingst | CRB-14/1376

© de Severo Garcia Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida – sob qualquer forma ou meio, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização do autor.

Poesia do Exílio

Em minha terra,
qualquer canto
tem mais valor.

Nesta terra,
cantam os sábios
isolados da solidão.

Na minha terra,
a vida tem mais amores.

J-a-m-a-i-s

Começo e fim, escrito em três tempos:

VOZ,
SÓS,
NÓS.

“Jamais”, às vezes, necessários.
“Já-mais”, tudo novo, atrás de mais.
Já-mais, um pouco do nunca.
Jamais, tudo vivo, morto.

J-a-m-a-i-s, textos de muito pouco,
em busca de mais.

Às vezes, vós.
Noutras, sós.
Sempre, nós.

J'amaís.

Tempo
V O Z

Silêncio

O silêncio
sutil,
delicado,
abraça a incerteza,
aceita a verdade.

O silêncio abre espaço,
encerra a disputa e
afia o argumento.

O silêncio habita o barulho,
gera ruído e escuta.
Cala quem fala.

O silêncio
reside em qualquer moradia,
transita em qualquer avenida,
preenche vidas.

O silêncio diz, abre e escuta.

Qualquer coisa

Qualquer coisa não serve!
Não tem número,
nem tamanho.

Qualquer coisa pode ser
trágico,
mortífero.
Resvala e derruba.

Qualquer coisa não tem apego,
nada diz,
aceita tudo.
Reúne e separa.

Qualquer coisa se guarda,
se esquece.

Qualquer coisa não retorna,
diz até logo
e nunca mais.

Qualquer coisa cabe em tudo,
engana os sentidos,
não decide nada.
Qualquer coisa espera.
Qualquer coisa morre.

Palavra

A palavra me tomou
como um santo ou santa.
Deixou luz.

Deixou outros costados,
vozes que soam e,
às vezes, agradecem.

Palavra sopra vida,
homens e mulheres,
fumaça e fim!

Claro e sim.
Claro que sim!
Sem fim.

Silêncio em palavra,
na pedra “mim”
que habita o “sim”.

Sim!

Tom

Sem ritmo,
métrica,
gramática,
cativo o erro.

Tropeço em mim,
esqueço da crase,
continuo
mesmo
em discurso
indireto.

Mato
sílabas.
Enterro
prosódias.

Pobre,
alimento-me do que resta.
Louco,
deparo-me com o que toca.

Nota por nota,
rima sem rima,
tom sobre tom.

Poesia

A poesia nunca finda.
É vivida e revista.

A poesia estranha.
O poeta não entende.
O leitor, às vezes, aprecia.

Poesia viva.
Poesia vira.

Poesia reúne ética, política e teoria.
Poesia é palavra escondida.

Presente

Presente,
perpétuo instante,
segundo eterno.
Presente,
dorme e protege,
sonha com o que liberta,
abre os braços com o corpo.
Presente!
Nada se ausenta!
Nunca acaba,
mesmo sem saber o que falta.
Disponível!
Imensidão que habita,
esconde endereço,
não guarda remetente.
Navega sem saber o quê encontrar.
Sem distâncias,
sem desconfianças.
Cada instante,
sem falta,
um presente vivo.

Para minha filha Maria Luiza.

Pouca Poética

Ser
é
escrever
num olhar
de fora,
onde
cada gesto
é
outro fora
e
cada vez
mais fora
de alcance.

T e m p o

Em tempos de barulho
qualquer silêncio incomoda.

Em tempos de ruídos,
qualquer rumor contenta.

Em tempos de mais,
qualquer menos é excesso.

Em tempos de menos,
qualquer mais é ousado.

Engana

Nem
sei
se
cada
um
sabe,
o
que
pensa
saber.

Segue
sem
saber
e
assim
fica
fácil
enganar.

D e d o s

A vida ficou cheia de dedos...
Comentários...
Interpretações...
mirantes e à deriva.

Se fosse a vida um suspiro,
diria: “chega de picuinha!”.
Vamos viver numa boa!
Quem sabe amanhã
chova,
faça sol,
e tudo se exploda.

Amarremos os dedos,
assim nos daremos às mãos.

Desobedeço

Alieno o desejo de querer,
sem querer.
Inspiro desconfiança,
a despeito do que penso.
Desobedeço,
assim posso ser o que desconheço.
Reconheço!
Desapareço!
Julgo melhor, se duvido do que conheço.
Por isso, só obedeço,
quando considero que não entendo.

Mulher - Homem

As mulheres não esquecem...
As mulheres fingem não perceber...
As mulheres influenciam...
As mulheres confidenciam segredos...
As mulheres insinuam ideias...
As mulheres vingam...
As mulheres são minuciosas...
As mulheres aceitam, mas fazem como querem...
As mulheres, ainda bem!

Os homens ocupam-se de si...
Os homens relincham verdades...
Os homens não conseguem insinuar...
Os homens moram num quadrado...
Os homens sonham mudar para um retângulo...
Os homens se borram quando amam...
Os homens correm e, às vezes, não sabem para onde...
Os homens, às vezes, são cuidadosos...
Os homens, ainda podem ser!

As mulheres acreditam...
Os homens tentam...

A b s t r a t o

Passando a limpo...

Descobre-se o abstrato da vida.

Encoberto em notas de rodapé, livros não lidos,
sonhos ocultos, receitas esquecidas,
nas coisas pequenas, deixadas de lado e
guardadas num esconderijo.

Passando a limpo...

Um pouco da vida...

Embora não se conte, não faça rima,
não se tenha poesia, quiçá alegria.

Passando a limpo...

Vê-se mais do que se lê.

O livro aberto a ser lido, a mão suave que acaricia,
o bolo pronto em cima da pia,
a nuvem no céu que desanuvia,
o riso solto de quem não viria,
a luz de vela que incendeia a monotonia,
a conversa leve para encerrar o dia.

Verbo

Cada um carrega um verbo.

Venda!

Compre!

Guarde!

Seja qual for,

todos têm enredo.

Verbo,

infinitivo,

indireto,

irregular,

sem ação,

todos defectivos!

Somos verbos,

vendas,

compras,

guardas.

Seja com quem for,

todos sem enredos.

Verbo,

vivo,

morto,

todos imprevisíveis.

F e m i n i n a

A poesia é feminina...
delicada ou barulhenta,
enclausurada ou violenta...
verdade sem medida certa.

A poesia é ela...
rude ou manifesta,
lida ou sem fresta,
movimento em procura.

A poesia é dela...
mensagem ou lembrete,
escrita ou escondida,
rima na biblioteca.

A poesia é oculta...
preenche sem fazer barulho,
expropria os sentimentos,
arregaça a dor,
delimita quem for.

A poesia sabe por onde
anda...Feminina

A poesia é feminina...
delicada ou barulhenta,
enclausurada ou violenta...
verdade sem medida certa.

A poesia é ela...
rude ou manifesta,
lida ou sem fresta,
movimento em procura.

A poesia é dela...
mensagem ou lembrete,
escrita ou escondida,
rima na biblioteca.

A poesia é oculta...
preenche sem fazer barulho,
expropria os sentimentos,
arregaça a dor,
delimita quem for.

A poesia sabe por onde
anda...

Tempo
S Ó S

L á g r i m a s

Plantar palavras
na tristeza
é semear a dor.
As lágrimas nutrem o corpo
e se lançam ao chão.

A tristeza se apossa,
vê tudo em silêncio,
espera um suspiro,
um vento para dentro,
sufoca os pulmões,
espera o sangue escorrer seco.

Resta enxugar as lembranças
e esquecer as lágrimas.

A n o

Nasci e morri num ano qualquer.
Fui acordado [com os olhos abertos].
Cem anos depois virei pó.
Sem festejo ou poesia.
Meus bisnetos só sabiam meu nome [nada mais].
Tudo se apagou e quase nada se guardou.
A ambição de não perecer se revelou escrita nos poucos.
Versos redigidos nas sombras.
Ano após ano, num corpo de carne e osso mundano,
vi o tempo escorrer no punho.
Naquele ano ímpar, outros tantos vieram.
Por isso, começa, agora, em você, esse pouco de mim.
Pois, em qualquer ano deixarei de viver e talvez continue a
existir [em ti].

Guerra

Fálica!
Feminina,
embora,
toda
masculina.

Nela,
Ana usa armas,
Luiza passa sonhos,
Beatriz lava uniformes.

Acendem velas
para homens bestas.
Lembram dos sonhos
em fios pendurados
nas paredes ocas.

Morrem
falando outra língua,
num casamento com a morte,
sem tempo,
sem acordo,
sem cor.

Guerra, deusa do tempo!

F o m e

Ontem,
saciava a fome
no leite de teu seio.
Sem nunca imaginar
que um dia
tudo iria acabar.
Se soubesse,
encontraria uma saída.
Talvez,
os ponteiros se ajustariam,
haveria amor,
noite e dia,
sem tempo para guerra,
nem espera do que restaria.

L í n g u a

Minha língua latina,
comum,
quer seja na alegoria,
quer seja na maioria,
é língua de exílio.

Essa língua resiste,
continente,
quer seja na pandemia,
quer seja na alegria,
é língua de existência.

Nossa língua lê,
exclui,
quer seja na minoria,
quer seja na homofobia,
é língua de nação.

Tua língua separa,
coloniza,
quer seja na mercadoria,
quer seja na desaponsetadoria,
é língua de naturalização.

Todas as línguas,
juntas,
unidas,
numa só polifonia,
fariam uma só melodia.
América latina!

V a i d a d e

O que escrevo
diz de um outro,
pouco,
torto,
quase nada,
de mim.

O tempo desnuda
sem pressa
o rosto,
sem qualquer lembrança.

Distraído,
procuro meu nome
em qualquer lugar,
folha,
beco,
bilhar.

Fico branco,
rugoso,
frágil,
lento.

Às vezes, aguardo
sem antecipar
um sim,
noutras,
um não.

Pouco importa
se deixei,
se cortei
qualquer vestígio.

Minha vaidade
esquece,
de onde vim
e para onde vou.

Resta aborrecê-la,
afastando
a ideia fútil,
o beijo efêmero,
a dor silenciosa.

Peço para acender uma vela
para vê-la rezar,
pedindo a todos os santos
o tempo parar.

C o r p o

O corpo é desconhecido,
outro,
egoísta,
nu,
à deriva.

Volta e meia,
se despe e
vira pó.

Volta e meia,
se contrai e
fica só.

S e r p a r

Na separação vê-se detalhes,
clausuras e cláusulas alienadas.
Remontam-se lembranças,
revisitam-se sonhos.

Na separação há liberdade.
Casas e carros à venda.
Recolhem-se os pratos,
reviram-se as roupas.

Na separação se olha.
Esconde-se a barriga,
a cama fica vazia.

Na separação os dias viram noites
e uma noite vira dias.
A cama se enche e o coração fica abatido.

Na separação a vida muda,
as perguntas transbordam
e a vida segue,
a procura de uma saída.

A m o r

O amor chegou,
cobriu e depois alçou.
O amor se despedaçou.

Quando foi?
Não saberia dizer...
Quando deixou de ser?
Tampouco sei...

Amor, posso dizer,
do jeito que estava
não poderia, nem deveria.

Testamento

Cem anos,
sem nada.

Se acidente,
morte matada,
ou morte morrida,
teria o que deixar?

Deixa o que [não] tem,
assim,
maldito seja aquele que se interpuser,
seja irmão ou quem for.

O resto é de quem?
Qualquer partilha
espírito de justiça,
deve ser inventada,
de preferência, à distância inventariada.

O testamento é antes,
às vezes, depois...
direito,
dinheiro.
Débito ou crédito?

Paga a conta e qualquer coisa conta.

Estorvo

Habito uma contradição.
Sofro pela exceção.

Frouxo, nego!
Fico à deriva...
Espero um milagre,
algum bilionário
com dor no coração.

Sou covarde!
Sou pequeno!
Sou servil!
Sou ameno!

Me guardo!
Me lavo!

Talvez, por isso
cabe a farda,
o *spray* de lamento.

Sonhos só restam
quando neles estou,
vou e vivo.

No mais,
sou um pequeno estorvo.
Não grito!
Não faço barulho!
Pago o aluguel
e até morrer, eu morro.

M o r t a l

O último acorde
revela mais
do que som.
Carrega um fim,
uma interrupção.
Notas sem começo,
morrem vivas.
Íntima combinação,
ritmo, harmonia e melodia,
no percurso de chegada,
da morte anunciada
todo dia.

S ó

Num só dia,
lágrimas e saliva.

Num só dia,
velas e vídeos.

Num só dia,
distâncias e conexões.

Num só dia,
desalento e delírio.

Só num dia,
unhas e dedos.

Só num dia,
chuva e sol.

Só num dia,
fome e som.

Num só dia,
um dia,
só.

Tempo
N Ó S

E u e v o c ê

T u

é s

n ó s

e

v o z .

Sorte

Quando cheguei aqui,
desconhecia.
Sorte minha,
tinha tua mão na minha.

Tudo era imenso,
avesso e nem sabia.
Sorte minha,
você ao lado, quando temia.

Naquele tempo,
as distâncias eram outras.
Sorte minha,
ter tua tradução do que viria.

Quando cheguei naquela terra,
descobri o [por] acaso...
a chance de acordar com quem queria...
sorte minha,
você também não sabia.

Cruzamos
o desconhecido,
qualquer lugar
em algum lugar,
sorte minha.

A n t e s

Nasci,
dormi,
fiz o que se faz...
Chorei e ri.

Depois de muito tempo,
percebi,
tanto faz,
se verde ou lilás.

Aí, morri,
pelo menos uma parte...
aquela que não diz
restou a que faz.

Deixei de ser
tanto faz,
virou paz.

C é u

Às vezes,
olho para as estrelas,
não dizem
onde estás.

Às vezes,
olho para a terra,
não indica
onde andas.

Às vezes,
olho para o mar,
não mostra
onde navegas.

O céu
é meu e seu.
Nele nos encontramos.

Sob nós,
as estrelas, a terra e o mar.

Sob nós,
quantos céus.

Para minha filha Maria Luiza.

A b r a ç o

Resta escrever
aquilo que no peito
insiste em bater.

Amor,
dor,
lamento,
só o abraço sustenta.

V o c ê

Encontrei-te dentro de mim,
nem sabia que te guardava.
Guardei-te
como um dente de leite
desses que se vai...

Coisa boa ler você...
como se lê uma palavra.
Ainda que cada uma
não possa em si,
guardar tudo que és.

Felizmente também te ouço.
É palavra!
É som!
Sim!
Ainda bem...
tens palavra
e me produz som.

Para minha amiga Denise Nova Cruz.

Lado a lado

Ao teu lado percebo que esqueci
[de apagar o fogo e pendurar as roupas].
Ao teu lado arrumo a postura
[lembro da luz para pagar e o quadro no chão].
Ao teu lado sento e espero
[para falar e arrumar a cama].
Ao teu lado fico parado
[guardo você contar o que já contou].
Ao teu lado puxo a cobertura
[esqueci de fechar a janela e os mosquitos entraram].
Ao teu lado estico as mãos
[perdi meus livros e roí as unhas].
Ao teu lado fui ao parque
[exausto jurei não voltar].
Ao teu lado ri até escapar
[o choro, o sono e o segundo].
Ao teu lado deixei de lado
[aquilo que escondia e matei].
Ao teu lado fiz questão de ver
[velhos álbuns de fotografia e o umbigo escondido].
Ao teu lado minha mãe falava
[ouro não é igual a bijuteria].
Ao teu lado meu pai dizia
[acelera, senão fica].
Ao teu lado minha filha ria
[sonhava com o lobo e fazia folia].
Ao teu lado escolhi meu bloco
[embora nunca fui na avenida].
Ao teu lado torci pelo fim
[esbarrei no que não via].

M i ú d o

Tu és pequeno!
Nós, grande!

Ainda criança,
guarda o segredo
de não ser adulto.

Se fosse
esqueceria a beleza,
perturbaria a liberdade,
violaria a imaginação.

Pequeno
crê,
sonha e vê.
Escolhe,
descobre,
ri e lê.

Se fosse criança
escondia o adulto
aquele que mora dentro
daquele corpo miúdo,
aquele que aprende
sem ler, nem escrever.

Para minha tia Vera Garcia.

Pais & filhos

Mães e pais
guardam um espaço impalpável,
lugar filial.
Em cada um,
vive em todos.

Às vezes,
pulsa alegria.
Noutras,
medo e tristeza.

Pai e mãe
não tem endereço,
nem tempo.
Onipresente e onipotente.

Às vezes,
inconsequente.
Noutras,
solene e coerente.

Pai e mãe,
espaço sem divisórias,
portas e janelas.
Habitado por eles.

D u a s c a s a s

Ela ainda não sabia...
se ter duas casas
bastaria,
se acordar todo dia
numa mesma
estadia,
era onde encontraria
alegria.

Ela ainda era pequena
para entender,
ou não seria?

Duas casas,
duas vidas?

Duas camas,
dois armários.
O que mais cabia?

Ela ainda era pequena,
mas sabia...
não importaria o lugar,
por onde o amor viria.

Para minha filha Maria Luiza.

P a i

Pai é paz,
faça dia,
faça sol,
não se desfaz.

Pai é guerra,
noite, chuva,
não se entrega.

Pai é calma,
diz sim,
mesmo querendo
dizer não.

Pai é sonho,
crê que
vai bastar.

Pai é pesadelo,
cria monstro,
mata realidade.

Pai é guarda,
lembra, vê
e cala.

Pai é resto,
come o que sobra,
reza pelo que não crê.

Pai é passagem,
recebe, corre
e serve.

Pai é pai,
mesmo,
às vezes sendo,
filho.

Pai é padrasto,
nunca patrão,
escolhido
pelo coração.

Pai é estação,
frio,
quente,
ou vilão.

Pai é...
Foi...
E, sempre será.

M a r i a

Hoje, eu escrevo.
Amanhã, tu me inscreve.
Ontem, nós rimos.

Talvez noutro dia
façamos histórias.

Lembramos!
Guardamos!
Esquecemos!

Maria,
se quiser, lembre, guarde e esqueça.

Maria,
hoje, amanhã e ontem,
o tempo é teu.

Maria,
palavra escrita
sem rima,
pois assim,
a vida é vida.

Para minha filha Maria Luiza.

S a b e - t u d o

Antes, dizia não sei.

Agora, nem sei!

Antes, era mais fácil, “não sei”.

Agora, sei!

Talvez,

porque agora,

diferente de antes,

só depende de mim.

C a s a d a l a g o a

Tanta estrela
sem céu,
dentro de casa.

Ela, luz carregada,
transporta amor,
um luar.

Aquela casa da lagoa,
era palha e reboco,
pré-moldada em mim.

De fora,
sem graça
sem cor.

Mas, quando abre...
a pele a alma toca.

Bendita!
Bem-vinda!

Casa da lagoa,
semeia, floreia e sustenta.

Posfácio

O difícil não é
aprovar ou reprovar...

É provar.

“**Poesia do Exílio**” é acesso à vida, sem recusa ou restrição. Com simplicidade enaltece o humano, as coisas ditas, não ditas e malditas. Abraça aos mal-entendidos e encoraja a alegria urgente sobre si e do outro que habita as tortuosas histórias mundanas. As poesias do exílio são escritas em três tempos: *voz, nós e nós*. Fundem esses tempos criando uma narrativa avessa às fronteiras entre sonho, delírio, imaginação e vida. O exílio, um caminho de volta, orienta-se para o alto-mar e toma a poesia como luz nos segundos de escuridão. O navegador destas palavras deve saber esperar e inventar outras maneiras possíveis para atravessar essas águas. Trata-se de procurar um farol, de noite e dia, que gire sobre todos nós. Em “**Poesia do Exílio**” adota-se uma linguagem coloquial e breve na procura de pessoas, verbos, números, seja no singular, seja no plural.



Severo Garcia

Nasceu em Santa Maria (RS)
em 1983.

Publicou seu primeiro livro de
poesias *Marginais*, em 2013.

Ganhou menção honrosa com
a poesia *ventre* no Prêmio
LiteraCidade 2014 – Jovem.

Contato: textosmarginais@gmail.com